

# PROCESSOS EDUCATIVOS: A DISGRAFIA VERSUS FRACASSO ESCOLAR

Sebastiana Maria Ribeiro da Silva<sup>1</sup>

Elisângela Maura Catarino<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Secretaria Municipal de Educação de Serrinha (SMES) Serrinha, BA, Brasil.

<sup>2</sup> Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES), Mineiros, Brasil.

**Resumo:** Este artigo aborda o assunto disGRAFIA, alteração da escrita normalmente ligada a problemas perceptivo- motores, porém não associada a nenhum tipo de comprometimento intelectual, e vem abrir um debate sobre essa dificuldade de aprendizado da escrita, com intuito de buscar conhecimentos aprofundados para que a disGRAFIA seja vista como um problema solucionável, e, quando envolvidas escola e família, venham ajudar o aluno a amenizar essa angústia. A letra ilegível pode ser apenas uma incapacidade de recordar a grafia das letras, necessitando assim de estimulação linguística e atendimento individualizado.

**Palavras-chave:** DisGRAFIA. Dificuldades. Psicomotricidade. Escrita.

---

**Como citar:** SILVA, S. M. R; CATARINO, E. M. Processos Educativos: a disGRAFIA versus fracasso escolar . **Revista Científica Novas Configurações – Diálogos Plurais**, Luziânia, v. 1, n.1, p. 46- 51, 2020. <https://doi.org/10.4322/2675-4177.2020.006>

---

## 1 INTRODUÇÃO

É indiscutível o papel preponderante que a escola representa na vida do educando, pois nela o mesmo apreende e desvenda através da leitura e da escrita realidades inéditas. É essencial que descubra durante a escolaridade que a escrita é uma prática social imbuída de mecanismos socioculturais. Muitos alunos apresentam dificuldades enormes para realizar qualquer tarefa que exija habilidades básicas de escrita. É comum observar, principalmente em alunos de séries iniciais muitas incorreções na escrita, e escrever transforma-se em motivo de insatisfação. A DisGRAFIA é a escrita feia, normalmente ligada a problemas perceptivo-motores.

Nessa direção Zorzi (1998), salienta que:

Entendendo melhor a complexidade da própria escrita e todos os desafios que ela impõe a quem deseja dela se apropriar, o educador pode compreender de maneira mais adequada a escrita que as crianças produzem e, assim, valorizá-las porque podem estar denotando um grande esforço de compreensão. (ZORZI, 1998, p.108).

Diante o exposto, percebe-se que o desenvolvimento da escrita merece muita atenção por parte do professor, pois essa dificuldade não pode passar despercebida. São muitos os fatores que podem ocasioná-la. Segundo alguns autores pode estar relacionada à psicomotricidade e envolve as habilidades de coordenação geral, coordenação motora, motricidade ampla e especialmente fina. Para ler é necessário que se escreva corretamente, é preciso que o leitor seja conduzido pela escrita para que esse processo se

---

**Apoio financeiro:** Nenhum.

**Conflitos de interesses:** Os autores declaram não haver nenhum conflito de interesse.

**Correspondência:** sebastiana\_100@hotmail.com

**Recebido:** 02 Abr 2020.

**Aprovado:** 17 Mai 2020.

**Editor:** Marcelo Máximo Purificação.

---

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



torne prazeroso. A escrita é uma das formas de comunicação entre homens e não pode ser vista como uma mera representação de letras e palavras.

É importante salientar que a letra “feia” que algumas crianças conseguem transcrever vai muito além do que a escola e a família consideram como preguiça ou desinteresse, e a escola deve ocupar a posição privilegiada de mediadora da interação da criança com a escrita; compreender que as crianças constroem conhecimento e também aprimoram novos conhecimentos a respeito do que é a escrita: sua natureza, seus usos e funções. Desenvolve habilidades importantes, úteis não só na escola, mas na própria vida.

## 2 DESENVOLVIMENTO

A escrita está ligada diretamente ao desenvolvimento das atividades escolares, de forma que de 30% à 60% das atividades realizadas em sala de aula envolvem o desenvolvimento da escrita. A escrita, portanto, representa uma das formas pela qual é desempenhado o papel de difundir a cultura e os conceitos da humanidade, sendo esta uma forma de comunicação considerada sofisticada e de alto grau de refinamento (CARDOSO; CAPELLINI, 2016). Para os autores o desenvolvimento de uma forma tão fundamental de comunicação para a humanidade envolve alguns aspectos importantes, são eles:

[...]controle motor fino, integração viso-motora, planejamento motor, propriocepção, percepção visual, atenção sustentada e consciência sensorial dos dedos, e que, alterações em uma ou mais dessas funções podem ocasionar falhas no desenvolvimento da habilidade escrita. (CARDOSO; CAPELLINI, p.4, 2016)

O desenvolvimento da escrita ocorrida no espaço escolar não representa um processo linear, sendo este experimentado de formas e tempos distintas por cada aluno, não sendo este processo linear é comum que alguns alunos apresentem dificuldades na aprendizagem da caligrafia e este obstáculo interfere na produção de uma escrita legível denomina-se disgrafia.

A disgrafia é conhecida por muitos como um distúrbio da aprendizagem da escrita que afeta as crianças. É preciso saber trabalhar com o conflito, perceber a situação e atuar. Na maioria das vezes os alunos são tratados como iguais, onde são condicionados a ler e a escrever. No entanto, é necessário que cada criança veja na escrita um trabalho que não lhe transmita bloqueio ou até mesmo cansaço.

Sobre isso Ferreiro, (1991) salienta que:

Porém, atribuir as deficiências do método à incapacidade da criança é negar que toda a aprendizagem supõe um processo, é ver déficit ali onde somente existem diferenças em relação ao momento de desenvolvimento conceitual em que se situam. (FERREIRO, 1991, p. 277).

É comum chamar o aluno que não consegue escrever de preguiçoso, levando-o a sentir-se desmotivado. Geralmente, alunos disgráficos apresentam problemas emocionais e tendem a sofrer em função de seu mau rendimento escolar e diante de seus repetidos fracassos tornam-se deprimidos e sentem-se excluídos. Em algumas situações a família prefere aceitar o fracasso escolar dos seus filhos à entender que pode ser uma dificuldade que a criança apresenta relacionado a um distúrbio no desenvolvimento da escrita, que envolve o afetivo e o emocional, portanto faz-se necessário o apoio dos pais para que a criança não se sinta inferiorizada diante dos outros, evitando assim o desgaste no seu desenvolvimento acadêmico e emocional e de suas relações.

Situações que ocorrem este desgaste são ligados, muitas vezes, a falta de respeito ao desenvolvimento psicomotor, do meio social e até mesmo idade dos alunos, que são cobrados a cumprir exercícios de leitura e escrita sem que sejam perguntados sobre o que realmente representam para eles; ou seja, a escola fornece um currículo pronto que deve ser utilizado não sinalizando as necessidades dos alunos.

Refletindo sobre as diretrizes curriculares em vigor no Brasil, é possível dizer que:

Pensar em adequação “o curricular significa considerar o cotidiano das escolas, levando-se em conta as necessidades e capacidades dos seus alunos e os valores que orientam a prática pedagógica. Para os alunos que apresentam necessidades educacionais especiais essas questões têm um significado particularmente importante”. (BRASIL, 2003, p. 33)



Diante disto, é preciso frisar a importância da adequação do currículo como sendo um elemento dinâmico da educação, visando os alunos com necessidades educacionais especiais através da flexibilização, na prática educacional, com o objetivo de atender todos os discentes.

É preciso compreender que todo indivíduo em processo de construção da escrita necessita de cuidados especiais, pois muitas são as dificuldades no traçado das letras, no espaço, na leitura, etc. A criança com essa dificuldade sofre muito por não conseguir uma escrita que ela própria consegue decifrar depois, e começa a ficar refém desse sofrimento. Não lê o que escreveu e ainda mais, não obtém a ajuda necessária por parte da escola.

Para Jesus (2013),

A escola deve propiciar melhores condições de aprendizagem, selecionando atividades e posturas necessárias, que promovam o resgate da auto-estima do aluno. O aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento, e determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará e, na teoria de Piaget, o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: um cognitivo e outro afetivo que, desenvolvem-se paralelamente. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral. (JESUS, 2013, p.20)

Neste aspecto a afetividade tem fator relevante na construção do conhecimento, não apenas o afeto voltado para o outro, mas também o afeto voltado para si mesmo, de forma que o aluno deve se sentir acolhido pela escola pois a construção de si perpassa também pela forma como o meio se configura e reconfigura o indivíduo, havendo assim uma troca de construção entre sujeito- meio sujeito. No cenário escolar esses sujeitos podem se rejeitar e se anular, assim como pode enfrentar, abster-se ou construir a partir de algo que seja da sua singularidade

Nesse contexto a psicomotricidade, pode ser uma aliada. Psicomotricidade é o estudo dos problemas motores; e a educação psicomotora é necessária na escola. Desde os primeiros dias deve ser levada à prática de exercícios que envolvam análise, lógica, relações entre números, com o objetivo de fazer com que adquira uma noção do corpo e espaço. “E, já que as ações de ler e de escrever estão ligadas ao espaço e ao tempo, os exercícios de organização do espaço e do ritmo contribuem para a escrita e a leitura”. (AJURIAGUERRA, 1990, p. 128).

Como uma importante contribuição da psicomotricidade podemos citar que ela,

Estimula o desenvolvimento psicomotor nas crianças gera a construção de uma consciência dos movimentos corporais integrados com sua emoção e expressos por esses movimentos. Neste reconhecimento do mundo, o sujeito torna-se consciente de si, tendo condições de diferenciar-se. (DANTAS, L. M. PINTO, E. C. B. p.3)

A educação psicomotora deve ser vista como técnicas e que, quando utilizadas, levam a criança a adquirir noção de motricidade e afetividade. Os movimentos que envolvem o corpo são de suma importância para desenvolver a afetividade e a personalidade.

Escrever não envolve apenas habilidade cognitiva e motora, não se escreve apenas só por escrever, mas envolve emoções. Brincar, correr, cair são atividades que trabalham o corpo e ajudam a desenvolver o sistema psicomotor diminuindo a ansiedade. Os antigos já sabiam a importância do brincar para o desenvolvimento integral do homem. Eles sabiam que exercitar a mente, o corpo e a alma favoreciam o desenvolvimento físico e o intelectual.

Atividades lúdicas que envolvam a lateralidade levam a criança por meio de exercícios simétricos, a incentivar a descoberta de seu lado dominante e estabelecer um equilíbrio de força e de destreza entre os dois lados. São atividades simples, porém de grande importância na superação da disgrafia.

Aqui intervêm os diferentes fatores classicamente invocados; “atraso da linguagem, perturbações especiais e, sobretudo temporais distúrbios gnósticos e práxicos, dislateralidade, antecedentes hereditários entre os parentes ascendentes ou colaterais, etc. Todos esses elementos obrigam a criança a um esforço suplementar para compensar seus déficits ou conseguir uma integração, apesar de sua persistência”. (AJURIAGUERRA, 1990, p. 77).

Trabalhar o espaço e o tempo também são interessantes, pois ajudam a desenvolver a organização e a ter noção de obliquidade e trajeto. Podem ser praticadas brincadeiras simples, mas dinâmicas que vão induzir ao domínio da escrita.

Dessa forma, a atividade lúdica deve estar presente em todas as práticas pedagógicas no sentido de enriquecer e ampliar o universo físico, social e cognitivo da criança.



Quando a escola não exerce seu papel de mediadora, a escrita pode permanecer totalmente distante. A escola é responsável pelo encontro da criança com a escrita e nunca deve ser o lugar onde as atividades desenvolvidas pelas crianças já cheguem prontas. Não pode ser um meio onde tudo é pensado, organizado e gerido pelos adultos.

Na linha dessas ideias Bulgraen, (2009), estabelece que:

[...]devemos considerar as experiências sociais acumuladas de cada aluno e seu contexto social, de modo a construir a partir daí um ambiente escolar acolhedor em que o aluno se sinta parte do todo e esteja totalmente aberto a novas aprendizagens. (BULGRAEN, 2009, p. 4)

É corriqueiro ver o professor cobrar de forma única que seus educandos aprendam desde as primeiras séries a rabiscar ou até mesmo ler sem se preocupar com as dificuldades apresentadas por cada uma delas. Esquece-se que o verdadeiro papel da escola deve ser de promover um espaço onde a criança possa experimentar como uma um ambiente prazeroso e onde a escrita também faça parte de seu mundo.

Torna-se uma prática constante no ensino-aprendizagem exigir dos alunos a leitura e a escrita quase perfeitas, da mesma forma que pais cobram da escola o ensino sem que seus filhos sejam ouvidos a respeito de suas dificuldades, angústias e anseios, que esse processo possa ocasionar. A escola e a família devem ser parceiras e juntos oferecer o apoio necessário para a criança sentir-se protegida e segura diante das suas dificuldades.

Para Kaufman (1994),

Situações desse tipo são as que, em determinados momentos, podem ser úteis para colocar em cheque construções intelectuais que devem ser superadas. Isso, por certo, exigirá enormes esforços e provocará, em muitos casos, fortes resistências. Porém a aprendizagem não consiste de uma mera soma de conhecimentos, mas de complexas reestruturações, e se dá a partir de situações problemáticas que devem ser resolvidas. (KAUFMAN, 1994, p. 102).

Muitos professores sentem-se despreparados para lidar com a situação, por encontrarem salas superlotadas ou multisseriadas e acabam isolando esses alunos. Aplicam métodos inadequados que não condizem com a realidade do educando, levando-o ao desequilíbrio e tornando o ambiente escolar pobre de estímulos, não favorecendo a aprendizagem.

“Diminuição do número nas classes e formação coerente e prolongada dos professores, são os dois fatores em que se pensa de imediato ao falar em terminar com o atraso escolar”. (AJURIAGUERRA, 1990, p. 137).

Ensinar não é mera transmissão de conhecimentos, é estimular o aluno a criar novos hábitos e a aprendizagem da escrita deve ser entendida como um processo de ser social ativo, considerando suas experiências e interações, a fim de que ele possa construir a escrita. É importante ressaltar que não ensinamos uma criança a escrever é ela quem ensina a si mesma, com a nossa ajuda e a de seus pais. Cada criança possui seu caminho próprio e é preciso que ela viva situações de aprendizagem que lhe permitam construir sua própria competência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grande realidade enfrentada pelas escolas no Brasil é alarmante; salas superlotadas, multisseriadas, professores insatisfeitos por não receberem o apoio necessário para exercerem o seu trabalho. No entanto, o aluno não pode ser refém de todos esses problemas que afetam a educação do país.

Alunos disgráficos estão presentes no cotidiano escolar e precisam ser ajudados de forma que se sintam protegidos e à vontade; que a escola realmente cumpra o seu papel mediador no aprendizado da leitura e da escrita de maneira prazerosa; buscando subsídios para que essa dificuldade não seja vista como um problema sem solução. É preciso que a escola trabalhe de forma a incentivar cada vez mais o aluno a aprender e sentir-se sujeito desse processo.

Para ajudar a solucionar esse problema são necessárias atividades que envolvam o brincar e que ajudem a desenvolver a coordenação motora ampla, fina e direcionando a coordenação viso-motora, organização espacial buscando sempre envolver a família para que esse processo seja estendido a sua casa. A escola deve sim, ser um meio de vida em que o aluno possa opinar, discutir e criar condições favoráveis a todo e qualquer aprendizado.

Cabe ao educador respeitar as limitações apresentadas por cada aluno; sinalizar possíveis transtornos e trabalhar um currículo voltado para a realidade em que os alunos não sejam vistos com um



grau de intelectualidade comum a todos. Uma educação para a vida real, em que as diferenças são a regra e não a exceção; escutar o aluno, encaminhá-lo ao psicopedagogo, ao psicólogo ou outros profissionais. O aluno deve sentir-se protegido e ver na escola um espaço de construção do saber sem traumas e exclusões. Tomando de empréstimo da fala de Santos *apud* Candau (2016) “temos o direito a ser iguais, sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza”.

## REFERÊNCIAS

ABREU, D. M. **Psicomotricidade:** desenvolvimento e dificuldades encontradas dentro da sala de aula na educação infantil. Acesso em: <[http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais\\_simposio/arquivos\\_up/documentos/artigos/1fe8f8519bc\\_b434ccf74e620ed33aa4e.pdf](http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/1fe8f8519bc_b434ccf74e620ed33aa4e.pdf)>. Acesso: 13 de ago. 2019

BRASIL. Estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais. coordenação geral: SEESP/MEC ; organização: Maria Saete Fábio Aranha. ã Brasília : MinistÈrio da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2003.

AJURIAGUERRA, J. de. **A Dislexia em questão:** dificuldades e fracassos na aprendizagem da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Língua Portuguesa. Brasília, 1997.

CONDEMARIN, Mabel. **Dislexia:** manual de Leitura Corretiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FERREIRO, Emília. **Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

KAUFMAN, Ana Maria. **A Leitura e a escrita e a escola:** uma experiência construtivista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MEUR, A de. **Psicomotricidade:** educação e reeducação infantil. São Paulo: Manole, 1989.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprender a Escrever. A apropriação do sistema Ortográfico.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

JESUS, A. V. Relação professor/aluno na Educação Infantil. **Artigo**, 2013. Disponível em: <<http://pedagogiaaopedaletra.com/relacao-professoraluno-na-educacao-infantil/>>. Acesso em: 15 de ago. 2019.

DANTAS, L. M. PINTO, E. C. B. **PSICOMOTRICIDADE E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: VIVÊNCIAS EM SALA DE AULA.** disponível em: [https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/10022\\_6266.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/10022_6266.pdf). Acesso em: 15 de ago. 2019.

BULGRAEN, V. C. **O PAPEL DO PROFESSOR E SUA MEDIAÇÃO NOS PROCESSOS DE ELABORAÇÃO DO CONHECIMENTO.** Disponível em: <http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/46/39>. Acesso em: 15 de ago. 2019.

---

### Informações sobre os autores:

SMRS: Mestranda em Intervenção Educativa e Social (MPIES) - UNEB/2019.1. Graduada no Curso Normal Superior pela Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR) com Especialização em Psicopedagogia pela Faculdade do Noroeste de Minas- FINOM. Pertence ao Grupo de Pesquisa GEPERCS. Professora da Educação Básica na rede municipal de Serrinha- BA e Auxiliar Administrativo com a função de Técnica em Farmácia no Hospital Municipal de Serrinha/(SESAB).Email: [sebastiana\\_100@hotmail.com](mailto:sebastiana_100@hotmail.com)



EMC: Realizou Estágio Pós-doutoral em Educação pela Escola Superior de Educação de Coimbra - ESEC/PT (2017-2019) sob a orientação da Dr<sup>a</sup> Fátima Neves. Doutora em Ciências da Religião pela PUC-GO (2005 - CAPES 5) na Linha de Pesquisa Religião e Movimentos Sociais. Mestra em Teologia com especialização em Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS (2010 - Conceito máximo na CAPES). Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira (2007) e Docência do Ensino Superior pela FAMATEC (2012). Licenciada em Língua Portuguesa e inglesa e suas respectivas licenciaturas, pela Universidade Estadual de Goiás (2004) e Licenciada em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas - ICSH (2003). É servidora pública da Secretaria Estadual de Educação de Goiás - SEDUCE (1999 - Professora P-IV) e da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (2015 - Professora Titular - CII), onde atua como professora na Pós-graduação e nos Cursos de Medicina Veterinária, Engenharia, Pedagogia, Educação Física e Psicologia. Coorientadora no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social - MPIES/UNEB. Colíder do Grupo de Pesquisa Psicologia, Processos Educativos e Inclusão da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS); Pesquisadora no Grupo de Pesquisa NEPEM/UNIFIMES/CNPq. Atualmente trabalha com as seguintes temáticas: Literatura. Linguagem. Educação e Diversidade e Educação Especial com foco nos surdos.

.

**Contribuição dos autores:** SMRS: conceitualização, captação de recursos, supervisão, redação.